



ESPIRITUALIDADE E PIEDADE POPULAR: UMA PROPOSTA ECLESIAL E MEIO DE SANTIFICAÇÃO PARA OS MAIS SIMPLES

(Spirituality and popular piety:
An ecclesiastic proposal and way of sanctification for the simplest)

Alexandre Augusto Siles

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP)

RESUMO

O objetivo deste artigo é propor, de modo simples e saudável, uma releitura transformadora na relação entre os ministérios ordenados e a missão leiga, sobretudo no tocante à espiritualidade laical como colaboração eclesial. Com efeito, desde o tempo de Jesus, o protagonismo leigo, como cooperador à evangelização sempre foi ressaltado e muito bem aproveitado pelo Mestre; dessa forma, nota-se o quanto a Igreja carece hoje dessa ajuda primordial. Não por menos, o Concílio Vaticano II, no decreto *Apostolicam Actuositatem*, diz que o fiel leigo é indispensável à missão da Igreja. Assim, entre tantas orientações, o mesmo decreto convoca a renovar e valorizar o ardor missionário com o apostolado leigo no interior da Igreja. Nesse sentido, é urgente a aplicação do pedido solicitado no Concílio Vaticano II para os tempos atuais, visando à sua concretização e não ficar somente em uma longínqua teoria. É nesta óptica, que a V CELAM, realizada em Aparecida, enfatiza mais uma vez a indispensabilidade do leigo como colaborador profícuo na missão eclesial. Por fim, vemos em muito a realização exemplar de muitos fiéis leigos batizados em seu exercício de ministros não-ordenados que oferecem subsídios riquíssimos para santificar a vida na Igreja.

Palavras-chave: Leigo; Batizado; Eclesial; Igreja; Ministério.

ABSTRACT

The purpose of this article is to propose in a simple and healthy way, a transforming re-reading on the relationship between the ordained ministries and the lay mission, especially concerning lay spirituality as ecclesial cooperation. Indeed, since the time of Jesus, the lay leadership, as cooperators to evangelization has always been emphasized and well taken by the Master. This way, it can be seen how much the Church needs this help. Not for less the II Vatican Council's Decree *Apostolicam Actuositatem* says that the lay faithful is essential to the Mission of the Church. So, among so many guidelines, the same Decree calls us to renew and enhance the missionary zeal with the lay apostolate in the inner Church. In this sense, there is an urgent need for the implementation of the order requested in the Second Vatican Council to the current times, aiming its actual implementation and not only in a distant theory. It is in this perspective that the 5th CELAM, held in Aparecida, emphasizes once again the indispensability of the lay as fruitful ecclesial mission developer. Finally, we see many lay baptized believers in their exercise of not ordered ministers that provide rich subsidies to sanctify life in church.

Keywords: Layman; Baptized; Church; Ministry.



INTRODUÇÃO

“O sagrado Concílio, desejando tornar mais intensa a atividade apostólica do Povo de Deus¹, volta-se com muito empenho para os cristãos leigos, cujas funções próprias e indispensáveis na missão da Igreja já em outros lugares recordou². Com efeito, o apostolado dos leigos, que deriva da própria vocação cristã, jamais poderá faltar na Igreja. A mesma Sagrada Escritura demonstra abundantemente como foi espontânea e frutuosa esta atividade no começo da Igreja (At. 11,19-21: 18,26; Rm 16,1-16; Fil 4,3)”. (CV II: AA, próêmio).

Vemos que o Concílio Vaticano II tornou-se para a fé cristã um referencial teórico e muito prático, buscando estabelecer um diálogo no interior da própria Igreja Católica, com toda a hierarquia eclesial e os seus fiéis. Também não faltou o desejo do ecumenismo com as demais religiões (CVII: UR,1), que por sua vez buscam a Salvação em Jesus Cristo, o Único Mediador entre Deus e os homens (I Tm 2,5; LG 60). Nesta óptica, visando o bem da Igreja e de todo o Povo de Deus, sobretudo os mais simples, é que este artigo sugere caminhos alternativos de reflexão para o laicato e a santificação da Igreja.

Desta forma, com pesquisas bíblicas e normativas que a Igreja propõe a seus fiéis, busco estabelecer, de uma forma proveitosa, caminhos frutuosa entre ministérios ordenados e não ordenados. Haja vista que emerge no seio da Igreja a necessidade e concretização da prática pastoral que sempre foi solicitada no decorrer da história cristã (Concílio Vaticano II, AA 9; GS 24). No tocante ao apostolado laico, trata-se de uma presença essencial na vida e missão da Igreja³, na vida cotidiano-testemunhal de cada leigo ou leiga batizado.

Nesse sentido, a participação ativa do fiel no Mistério Eucarístico faz dele um membro espetacular do Corpo de Cristo. Assim, o fiel leigo, mesmo em sua dimensão mais simples, pode oferecer e dar bom testemunhando da fé que dali recebeu (*Sacramentum Caritatis* 72). Logo, torna-se vital a atuação de todo fiel leigo batizado na missão da Igreja e em sua prática pastoral, pois, a partir do seguimento de Jesus, vemos no cenário dos Evangelhos, em muitos acontecimentos, a participação e comunhão proveitosa do leigo (Mt 4,19; Mc 1,16; DAp 184).

Exemplos clássicos são o Magnificat (Lc 1,56ss) e as bem-aventuranças (Mt 5,1-12), que não deviam faltar nas reflexões sobre o ministério leigo e sua ajuda primordial; logo, constata-se uma verdadeira assistência eclesial nos ministérios não ordenados. À vista disso, a missão laical pode ser protagonista do século atual na busca da evangelização. Por isso, quando falamos do Corpo de Cristo, que é a sua Igreja (I Cor 12), parece-nos que ainda há uma lacuna a ser preenchida na missão evangelizadora nos tempos atuais, e deste ponto de vista, torna-se fundamental o exercício e a prática do *múnus* profético, sacerdotal e régio de cada fiel leigo na Igreja e na sociedade.

¹JOÃO XXIII. *Constituição Apostólica Humanae Salutis*, 25 dez. 1961, AAS 54 (1962), p. 7-10.

² Os diversos documentos produzidos pelo Concílio Vaticano II reiteram a importância do papel do leigo na Igreja, a saber: *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n. 33, AAS 57 (1965), p. 39ss; *Constituição Sacrosanctum Concilium*, n. 26-40: AAS 56 (1964), p. 107-111; Decreto *Inter Mirifica*: AAS 56 (1964), p. 145-153; Decreto *Unitatis Redintegratio*: AAS 57 (1965), p. 90-107; Decreto *Episcoporum munere in Ecclesia Christus Dominus*: n. 16, 17, 18; Declaração *Gravissimum educationis*, n. 3, 5, 7.

³BENTO XVI. Exortação Apóstolica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*. Sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja. Paulinas, 2007, p. 104.



Nessa ótica, o Corpo de Cristo anunciado pelo apóstolo Paulo na primeira carta aos Coríntios 12, nos faz refletir seriamente, se cada membro está sendo devidamente valorizado com todos os seus talentos (Mt 25,14-30), mesmo nas dimensões mais simples. A piedade popular, por exemplo, quando é bem acompanhada e devidamente discernida, é uma dessas grandes joias preciosas, que contribuem grandemente para o crescimento do anúncio do Reino de Deus e a fé da Igreja, mesmo em sua simplicidade. Bastam-nos ver as inúmeras ladainhas, novenas, orações piedosas, que cresceram abundantemente no seio familiar.

Como exemplo, cito a seguir, a oração de Santo Antônio de Pádua, que se tornou mundialmente conhecido e solicitado como intercessor na vida familiar, principalmente no quesito matrimônio. Vejamos:

“Se milagres desejais, recorrei a Santo Antônio; vereis fugir o demônio e as tentações infernais. Recupera-se o perdido, rompe-se a dura prisão, e no auge do furacão, cede o mar embravecido. Todos os males humanos se moderam, se retiram, digam-no aqueles que o viram, e digam-no os paduanos. Pela sua intercessão foge a peste, o erro, a morte, o fraco torna-se forte e torna-se o enfermo sã”⁴.

Apesar disso, é fato que os escritos sagrados, já desde o Antigo Testamento, estimula-nos no caminho da oração. Por exemplo, Abraão, que intercede por Sodoma (Gn 18,23-33); Moisés, que igualmente a Abraão, intercede pelo povo hebreu e faz bom uso da autoridade recebida pelo próprio Deus (Ex 32, 11-14). Estes são alguns caminhos propostos e muito convidativos à oração. Nesse sentido, conforme a carta de São Tiago, o pedido bíblico se torna mais atrativo ainda e vemos que a oração piedosa do justo alcançará misericórdia, pois tem grande eficácia (Tg 2,16).

Assim, contribuir no discernimento da piedade popular seria mais um desses desafios que nascem na dimensão da Igreja *ad extra*. Haja vista que são as orações mais simples que compadecem a ação de Deus, pois basta ver o que ocorreu com o fariseu e o publicano quando foram ao templo orar (Lc 18,9-14). Sem demora, é preciso o reconhecimento do laicato, sua força e sua responsabilidade na Igreja.

1. SIGNIFICADO DO MINISTÉRIO LAICAL E RESPONSABILIDADE COM A IGREJA

Como ponto de partida, o próêmio do decreto conciliar do Vaticano II, *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado leigo, deve ser lido como uma força motriz a guiar bem a vida e responsabilidade laical no Mistério da Igreja. Desta maneira, visando à solução deste drama, dom Aloísio Lorscheider comentou a participação e comunhão dos fiéis na Igreja⁵:

“Olhar a Igreja como Povo de Deus, numa eclesiologia que reflete a partir de todos os batizados como sujeitos responsáveis e corresponsáveis, adultos na fé, facilmente se sente e se percebe que todos os batizados exercem, de alguma forma,

⁴ GAMBOSO, V. *Vida de Santo Antônio*. Aparecida: Editora Santuário, 1994, p. 238.

⁵ LORSCHIEDER, A. *O ser e o agir do cristão leigo como Igreja*, p. 4. Aparecida, 2001. Disponível em: <http://www.franciscanos-rs.org.br/dom-aloisio-lorscheider-e-o-principio-da-comunhao-e-participacao-i>. Acesso em 09 ago 2016.



protagonismo nos diferentes ministérios, em vista da edificação da comunidade eclesial e na missão que nos está reservada”.

Com sábias palavras o então bispo emérito de Aparecida nos faz refletir e aprofundar sobre os batizados como Povo de Deus, sujeitos e protagonistas da missão em seus diferentes ministérios leigos. Com efeito, a imagem Povo de Deus⁶ destacada por Dom Aloísio, marca significativamente a igualdade fundamental entre todos os batizados. Nesse sentido, já nos escritos veterotestamentários é que vemos este mesmo Povo de Deus sendo chamado a ser uma fonte de bênção (Gn 12,1-9), em mesmo pé de igualdade e se tornarem um Reino de sacerdotes (Ex 19,6; Ap 1,6).

Por esta óptica, descreve dom Aloísio Lorscheider⁷, a Igreja como Povo de Deus deve ser entendida, que a missão é responsabilidade de todos os seus membros e não somente aos que foram chamados ao ministério ordenado. Todos os batizados, sem exceção, são cristãos e membros de igual dignidade. Basta reler algumas perícopes bíblicas, como por exemplo, o livro do deuterônimo, onde Moisés pede que não haja distinção nos julgamentos entre pessoas (Dt 1,17) ou então a carta de São Tiago dizendo que a caridade e generosidade devem ser iguais para todos (Tg 2,1-13).

Nesta mesma perspectiva, reforça e assegura a teóloga Maria Clara Bingemer⁸:

“Assim, a espiritualidade cristã já não estaria reduzida a ser o privilégio de uns poucos eleitos, mas uma exigência de vida de todo batizado, de todo o Povo de Deus, que ao mesmo tempo que cresce na comunhão íntima com o Senhor, avança também na luta por uma sociedade e um mundo mais justos e mais fraternos”.

Segundo a visão da teóloga Maria Clara, parece que nos é sugerido um pouco mais de empenho eclesiástico para surtir um efeito ainda mais positivo na contribuição que cada fiel leigo pode oferecer no crescimento evangelizador e espiritual da Igreja. Logo, a partir de uma espiritualidade bem discernida e ensinada na vida laical, vemos quanta beleza poderia ser atualizada e renovada no seio da Igreja (DAp 365), pois uma espiritualidade sã e autêntica não deixa o discípulo longe da realidade em que se encontra (DAp 376-379). Assim, o discípulo que absorve e vive de forma sóbria e madura a prática evangélica, inserido no aqui e agora, estará convicto da verdadeira prática de Jesus, e como consequência, a prática na vida social.

Desta forma, diante da ação batismal que cada fiel recebeu como parte integrante de sua vida, é imprescindível que no percurso de seu caminho eclesial como discípulo e missionário, o discípulo se revista com a força que vem do alto (At 1,8), para viver em plena sintonia,

⁶ A constituição conciliar *Lumen Gentium* descreve: “Assim como, no Antigo Testamento, a revelação do Reino é muitas vezes apresentada em imagens, também agora a natureza íntima da Igreja nos é dada a conhecer por diversas imagens tiradas, quer da vida pastoril ou agrícola, quer da construção ou também da família e matrimônio, imagens que já se esboçam nos livros dos Profetas. Assim a Igreja é o redil, cuja única porta e necessário pastor é Cristo (Jo 10, 1-10). E também o rebanho do qual o próprio Deus predisse que seria o pastor (Is 40,11; Ez. 34,11 ss.), e cujas ovelhas, ainda que governadas por pastores humanos, são, contudo, guiadas e alimentadas sem cessar pelo próprio Cristo, bom pastor e príncipe dos pastores (Jo 10,11; 1 Ped. 5,4), o qual deu a vida pelas suas ovelhas (Jo. 10, 11-15)”. (LG 6).

⁷ Ibidem.

⁸ BINGEMER, M. C. *Viver como crentes no mundo em mudança*. São Paulo: Paulinas, 2015, p. 15. É teóloga, professora, decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio e autora de diversos livros.



comunhão e participação com os irmãos (CV II: AA, 3) e com Cristo (Jo 15,4; CV II: AA,4) em uma Igreja encarnada na realidade de sua sociedade.

Notadamente, ser inserido no mundo social e ajudar a transformá-lo (CV II: GS,7; Dap 151), deve fazer parte da missão de todo cristão batizado. Pois, conforme diz Juan Mateos, que publicou *Jesus e a sociedade de seu tempo*, era justamente no centro da sociedade, sobretudo nas esferas mais simples e excluídas, que Jesus tanto estava presente e não ficava alheio⁹ aos acontecimentos (Mc 1, 40-45; Lc 17, 11-19). Assim, diante de inúmeras exclusões existentes nas camadas sociais, Jesus ensina aos seus seguidores a importância da atuação em um contexto religioso-social¹⁰.

Nesse sentido, vemos que a responsabilidade eclesial passa não somente pelos setores eclesiais da Igreja, mas proporciona e motiva a todos os fiéis batizados as mesmas condições de evangelização. Nesta perspectiva, uma eclesiologia moderna deve buscar fomentar constantemente, na vida da Igreja, uma espiritualidade autêntica de verdadeiros discípulos e missionários. Com efeito, não raro às vezes os mais simples se enganam ou são enganados por místicas fúteis que não promovem um verdadeiro crescimento espiritual encarnado na sociedade, ou seja, um engajamento comprometido com a fé cristã e a sociedade. Então podemos nos perguntar: em que consiste uma verdadeira espiritualidade eclesial e laical?

2. PEQUENO PERCURSO DA ESPIRITUALIDADE ECLESIAL CRISTÃ E NA AMÉRICA LATINA

Nos tempos atuais, quando falamos de espiritualidade, talvez inúmeras formas místicas pulsem em nossos pensamentos. Quem sabe, fazendo-nos pensar que espiritualidade se trata de um mundo mágico com muitos tipos de superstições ou até mesmo de uma forma pessoal e egoísta de ficar na presença de Deus.

Será que é isso? Será que a espiritualidade é algo que cada pessoa pode inventar para si mesma? Fugindo de um compromisso com Deus e com o outro? Ou será que é algo que foi criado para se viver mais próximo a Deus e por consequência amar o irmão? Na síntese que Jesus descreve sobre os mandamentos da lei de Deus, diz que o amor a Deus e ao próximo deve ser algo a guiar a vida espiritual e eclesial; logo, se torna um caminho seguro para alcançar a salvação e a perfeição cristã (Mc 12,30s; Mt 22,15). Dentro dessa perspectiva, vejamos o que diz uma definição clássica no interior da Igreja:

“A oração não se reduz ao brotar espontâneo dum impulso interior: para orar, é preciso querer. Tampouco basta saber o que a Escritura revela sobre a oração: é preciso também aprender a rezar. Ora, é através duma transmissão viva (a Tradição Sagrada), que o Espírito Santo ensina os filhos de Deus a orar. A tradição da oração

⁹ Diante da marginalização existente, imposta em nome da Lei divina, Jesus nega que imponha alguma marginalização e se esforça para rompê-la. É o caso do leproso (Mc 1, 19-45); da mulher acometida com a perda de sangue (Mc 5, 24-34) ou mesmo a pecadora perdoada (Lc 7, 36-50), que ensina a romper as barreiras que a sociedade ou as leis religiosas impõem sobre os mais simples. (J. Mateos; F. Camacho. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1992, p. 67).

¹⁰ Ibidem, p.68.



cristã é uma das formas de crescimento da Tradição da fé, particularmente pela contemplação e pelo estudo dos crentes, que guardam no seu coração os acontecimentos e as palavras da economia da salvação, e pela penetração profunda das realidades espirituais que eles experimentam (CIC 2650s)... As espiritualidades cristãs participam da tradição viva da oração e são guias indispensáveis para os fiéis, refletindo, em sua rica diversidade, a pura e única Luz do Espírito Santo” (CIC 2684).

Evidentemente que a espiritualidade cristã trilhou muitos caminhos desde os remotos tempos, e já com Abraão no Antigo Testamento¹¹ (Gn 12,1-9) até a Encarnação de Jesus (Jo 1-14), na plenitude dos tempos (Gl 4, 4), Deus nos chama a uma prática evangélica. Trata-se de espiritualidade encarnada na realidade vivida. De fato, em Abraão é valorizado um modelo de espiritualidade bastante significativo e virtuoso, como quando cuida de Ló (Gn 13,8) ou quando pede que não haja discórdias entre eles (Gn 14,12). No entanto, a Sagrada Escritura não apresenta um modelo exato a seguir, mas é indiscutível que o pedido é de permanecer na busca da perfeição (Mt 5,48; 19,21).

Nesse sentido, é preciso evitar falsas espiritualidades que não produzem fruto algum, como o próprio Jesus nos adverte sobre o fermento dos fariseus (Lc 12,1), que é a hipocrisia. Não raro que inúmeras formas de espiritualidade foram surgindo e sendo criadas a partir de um contexto religioso e por muitas vezes acabando em mentiras fraudulentas¹² como tipo de pseudoespiritualidade. Adão e Eva quando mentem a Deus (Gn 3); Abraão ao entregar sua esposa Sara, como irmã a Abimelec (Gn 20,1); o rei Davi ao cometer adultério (II Sm 11,1-4); Judas ao trair Jesus (Lc 22,21), entre outros exemplos.

Dessa forma, conforme assinala Philip Shelldrake¹³, “em termos cristãos, espiritualidade diz respeito a como as pessoas se apropriam de um modo subjetivo de crenças tradicionais sobre Deus, a pessoa humana, a criação e seu inter-relacionamento, expressando na forma de adoração e estilos de vida”. Por isso uma autêntica espiritualidade deve brotar do interior do ser humano, do encontro com uma pessoa (*Deus Caritas Est*, 1), a de Jesus, evitando assim qualquer pseudoespiritualidade.

Desse ponto de vista, uma das simples maneiras de espiritualidade, porém com conteúdos riquíssimos, é aquela que brota dos lábios dos mais pequeninos (Lc 1,46b-55). Uma delas é a piedade popular, que muitas vezes enriquece a Igreja. Como por exemplo, com os inúmeros

¹¹Abraão desenvolveu uma espiritualidade cujo resultado seria a bênção de Deus sobre todas as nações, as ações de sua vida resultavam no cuidado com o outro, como quando socorreu Ló, as mulheres e o povo da guerra contra os reis cananeus (Gn 14.1-17). Quando intercede a Deus por Sodoma e Gomorra, cidades extremamente profanas, ainda assim para ele é possível encontrar justos num ambiente tão profano, sem temor ou reverência a qualquer lei instituída (Gn 18.22-37). (PAPA FRANCISCO. AUDIÊNCIA GERAL, Praça São Pedro, quarta-feira, 18 de junho de 2014. Site: Vatican.Va. Acesso em 09/08/2016, 11:41:35).

¹²Anselm Grün escreveu vários livros, classificados por alguns como autoajuda, porém, com riquezas muito precisas na esfera espiritual. O livro “*A espiritualidade que parte de baixo*” traz consigo momentos decisivos na vida de alguns que foram chamados por Deus. Aqui é relatada a mentira de Abraão (Gn 20, 10-20); o rei Davi com o flagrante adultério (II Sm 11, 1-27) e também a negligência de Simão Pedro (Mt 16, 23; 26,35); (G. Anselm; D. Meirand. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 19ss.).

¹³ SHELDRAKE, P. *Teologia e espiritualidade: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 53.



pedidos dos fiéis para abençoar seus objetos devocionais¹⁴. Aqui vemos a simplicidade, humildade e total submissão à bênção do padre.

É dentro deste cenário, que a V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe¹⁵, que inspirados à luz do Espírito Santo, os padres conferencistas viram na América Latina grandes frutos de espiritualidade, dentre elas a piedade popular, que foi fortemente enaltecida¹⁶, sobretudo neste continente. Nesse sentido, o Documento de Aparecida (Dap 7) reconhece que ela é uma das riquezas de nossos povos, é um tesouro precioso da Igreja Católica da América Latina (Dap, 258), que deve ser catequizada (Dap, 300) e utilizada ao serviço do bem comum (CV II: LG, 12; I Cor 12, 7) fazendo bom uso do sacerdócio régio (CV II: LG, 10) de cada fiel leigo na vida e missão da Igreja.

Com efeito, as prédicas que foram apresentadas a partir do Concílio Vaticano II sobre o ministério e a vocação do fiel leigo são novamente recebidas com entusiasmo na V CELAM. Trata-se de um rico e precioso tesouro, muito positivo, que se vê de uma forma muito instigante já na vida pública de Jesus. Vemos isso acontecer de maneira muito clara quando Jesus ensina aos seus discípulos que podem se tornar luz do mundo, sal da terra (Mt 5,13-16) e fermento na grande massa (Mt 13,33s), principalmente onde a Igreja não consegue chegar. Tal é o imperativo de Jesus: “Dai-lhe vós mesmos de comer” (Mt 14, 16).

Por esse ponto de vista ministerial e eclesial, o apostolado leigo passa a ser um grande tesouro encontrado (Mt 13,44) e indispensável à Igreja (CVII: AA,3). Não é por menos que desde o raiar do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII, ao discursar na abertura conciliar, pedia que fossem abertas as portas para entrar novo ardor missionário. Dizia ainda que não se tratava de um concílio doutrinal, mas por sua índole deveria ser extremamente pastoral, isto é, renovar a adesão de todo o ensino da Igreja (Discurso de introdução do CVII).

Assim, conforme afirma o decreto conciliar *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos, a todos os fiéis incumbe, portanto, o glorioso encargo de trabalhar para que a mensagem divina da salvação seja conhecida e recebida por todos os homens em toda a terra. Efetivamente é o Espírito Santo quem opera através dos carismas na vida da Igreja e de cada fiel leigo, proporcionando-lhes caminhos alternativos de santificação, quando estes se colocam a serviço da Igreja e do bem comum (CV II: LG, 12-13). Dessa forma, a comunidade

¹⁴Os sacramentais fazem parte da devoção e piedade popular e são instituídos pela Igreja com vista à santificação de certos ministérios da mesma Igreja, de certos estados de vida, de circunstâncias muito variadas da vida cristã, bem como do uso de coisas úteis ao homem. Segundo as decisões pastorais dos bispos, podem também corresponder às necessidades, à cultura e à história própria do povo cristão numa região ou numa época. Incluem sempre uma oração, muitas vezes acompanhada dum sinal determinado, como a imposição da mão, o sinal da cruz, a aspersão com água benta – que recorda o Batismo – (CIC 1668). E também fora da liturgia dos sacramentos e dos sacramentais, a catequese deve ter em consideração as formas de piedade dos fiéis e a religiosidade popular. O sentimento religioso do povo cristão desde sempre encontrou a sua expressão em variadas formas de piedade, que rodeiam a vida sacramental da Igreja, tais como a veneração das relíquias, as visitas aos santuários, as peregrinações, as procissões, a via-sacra, as danças religiosas, o rosário, as medalhas, etc. (CIC 1774).

¹⁵A V CELAM, que ocorreu em Aparecida, de 13 a 31 de maio de 2007, foi um grande momento do desejo da aplicabilidade dos frutuosos ensinamentos do concílio Vaticano II, sobretudo no que diz respeito à espiritualidade e devoção popular (259).

¹⁶ DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Tradução: Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus; Paulinas; n. 7; 258; 300.



marcana é advertida que os dons não devem ser guardados embaixo da cama (Mc 4, 21s; Mt 5, 15) e sim lançado ao alto, como luz para iluminar as nações (Lc 2,32).

De certo modo, o que o Papa João XXIII solicitou com grande entusiasmo no discurso de abertura do Vaticano II, era buscar um novo *aggiornamento*¹⁷ para a Igreja que se encontra a caminho. Assim, podemos enxergar no pedido do então Papa João XXIII uma nova visão eclesial e pastoral, valorizando a cada um com os seus talentos. Nessa mesma óptica, a V CELAM diz que é preciso renovar as estruturas que são ultrapassadas, que não favoreçam mais a transmissão da fé (DAp 365).

Tal empreitada deve ocorrer de forma a fomentar o serviço e a missão eclesial e, portanto, sem alterar ou romper com a essência do cristianismo, pois se trata de uma adaptação e uma nova apresentação emblemática, dos princípios católicos ao mundo atual e moderno. Desse ponto de vista, emerge com grande urgência uma conversão em todo o modelo de Igreja que muitas vezes retrocede (DAp 372) em vez de avançar para águas mais profundas (Lc 5,1-11). Nesse sentido, o Documento de Aparecida, em plena consonância com o Concílio Vaticano II, diz que:

“A conversão pessoal desperta a capacidade de submeter tudo ao serviço da instauração do Reino da vida. Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir “o que o Espírito está dizendo às Igrejas” (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (DAp 366).

Conforme a V CELAM, podemos dizer que é o mesmo Espírito que já falou pelos profetas no Antigo Testamento e agora nos fala nos tempos atuais; e já desde o Concílio Vaticano II falamos novamente sobre a urgente necessidade do protagonismo do fiel leigo (DAp, 214) na ajuda de uma ação missionária mais eficaz para que sejam produzidos frutos (Jo 15,16). Buscar incentivar a maneira própria do fiel leigo de viver a fé passa a ser um desafio muito positivo para a hierarquia eclesiástica. Pois uma autêntica comunhão e espiritualidade cristã devem passar por momentos decisivos de conversão. Insiste a V CELAM:

“A conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária. Assim será possível que “o único programa do Evangelho continue introduzindo-se na história de cada comunidade eclesial”²⁰⁹ com novo ardor missionário, fazendo com que a Igreja se manifeste como mãe que vai ao encontro, uma casa acolhedora, uma escola permanente de comunhão missionária” (DAp 370).

Portanto, com experiências notáveis de testemunhar a fé, no mundo atual, o fiel leigo pode auxiliar em mudanças que ajudem a Igreja a renovar a sua forma missionária de anunciar o Reino de Deus. Desse modo, essa maneira evangelizadora de agir nos reporta a momentos

¹⁷No discurso de abertura do Concílio Vaticano II, o Papa João XXIII traçou as algumas linhas mestras que deveriam guiar o Concílio: o diálogo, ser ecumênico, pastoral e representar um 'aggiornamento', ou seja, atualização. Pelo termo "aggiornamento", entende-se a "idéia motora e central" do itinerário espiritual e da concepção da missão pastoral da Igreja. Na sua primeira Encíclica *As Petri cathedram*, de 29 de junho de 1959, vinha indicada a tríplice finalidade do Concílio: o incremento da fé, a renovação dos costumes e a adaptação (aggiornamento) da disciplina eclesiástica às necessidades do tempo atual (Compêndio do Vaticano II. Introdução Geral aos Documentos do Concílio, discurso de abertura).



essenciais e primordiais do início do cristianismo e nos ensina em sua simplicidade a reencontrar caminhos opcionais para buscar a santidade. É o que nos pedem os escritos sagrados desde os remotos tempos da Antiga Aliança: *Sede santos, pois eu o Senhor sou Santo* (Lv 19,2) ou nos tempos de Jesus: *Sede perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito* (Mt 5,48). Nessa perspectiva, Igreja, ministério não ordenado e espiritualidade devem estar sempre em comunhão, como sempre foi pedido pelo próprio Jesus: *permaneçais unidos em Jerusalém* (At 1,4).

3. A SANTIDADE NA SAGRADA ESCRITURA: UM REFLEXO DA VIDA DIÁRIA

“... *Sede santos, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo*” (Lv 19,2); “*Sede perfeitos como vosso Pai Celeste é perfeito*” (Mt 5, 48); “*Mas, assim como é santo aquele que os chamou, sejam santos vocês também em tudo o que fizerem*” (I Pedro 1,15); “*Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade*” (Jo 17,17); “*Depositários de tais promessas, caríssimos, purifiquemo-nos de toda imundície da carne e do espírito, realizando plenamente nossa santificação no temor a Deus.*” (Lev 11,44).

Em uma de suas catequeses cheias de sabedoria, o Papa Francisco salientou o chamado à santidade e citou um grande dom do Concílio Vaticano II:

“Lembrou que todos os batizados possuem uma mesma dignidade e uma mesma vocação universal à santidade. Ser santo não é uma prerrogativa oferecida só para alguns escolhidos, nem significa ser dotado de uma capacidade especial. Não! Trata-se de um dom que o Senhor Jesus oferece gratuitamente a cada um de nós”¹⁸.

Partindo da intuição catequética do Papa Francisco sobre a santidade, o Sumo Pontífice nos exorta e nos faz pensar não somente como algo que já fora dito, porém agora de forma mais clara e contundente. O papa nos faz mergulhar profundamente sobre algo que estava meio que caindo no esquecimento, entre tantos bens espirituais da Igreja. Nessa perspectiva papal, a busca da santidade não é somente para uma porção eclesial, mas é chamado e vocação a todos os batizados.

Nessa mesma óptica, o cardeal José Saraiva Martins¹⁹ fala-nos a respeito da vocação à santidade, fazendo-nos pensar seriamente sobre este dom precioso que Deus oferece a todos, sem fazer acepção de pessoas. Afirma Dom José Saraiva:

“Antes de mais nada, gostaria de sublinhar a afirmação segundo a qual os santos são os modelos de fé e de virtude propostos não só ao povo de Deus, mas de certo modo

¹⁸Papa Francisco, Audiência Geral de quarta-feira, 19 de novembro de 2014 – Rádio Vaticano. Disponível em http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/19/somos_todos_chamados_%C3%A0_santidade_-_o_papa_na_audi%C3%Aancia_geral/1111605. Acesso em 29 ago 2016.

¹⁹Este livro, de forma muito clara e incisiva, entrevista de Saverio Gaeta ao Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos, é uma lição espiritualmente profunda e pessoalmente enriquecedora sobre a santidade de sempre e de hoje. Um livro que é um roteiro, um passeio, uma peregrinação espiritual pelos caminhos para a santidade. Profundo e estruturado no pensamento, pedagógico na abordagem “técnica” e “processual”, esteticamente belo, minucioso nos detalhes, revelador na curiosidade procurada pelo leitor, profundamente humanista nos momentos da vida pessoal e eclesial. (Martins, J. S. *Como se faz um santo*. Tradução: Antônio Rocha e revisão de José João Leiria. São Paulo: Aletheia Editores, 2006, p. 11).



também a toda a humanidade. D. Luigi Orione, canonizado em 2004, dizia que temos de ser santos, mas temos de sê-lo de maneira que a nossa santidade não se limite ao culto dos fiéis, nem à Igreja; deve ir mais longe e lançar na sociedade tanto esplendor de luz, tanta verdade, amor de Deus e dos homens, de tal modo que, mais do que os santos da Igreja, sejam os santos do povo e da salvação social. Não encontrei palavras mais eficazes para exprimir a dimensão eclesial e social da santidade²⁰.

Dessa maneira, vemos que a santidade na Sagrada Escritura provém de fatos ordinários da vida cotidiana e não como muitas vezes pensam muitos, que seja necessário realizar prodígios e ações extraordinárias. Decerto que uma enorme gama de fiéis batizados imagina que ser santo é fazer algo fora do comum ou muito excepcional. Não que isso não possa acontecer na vida de um santo, mas que não sejam exatamente essas virtudes a serem buscadas para canonizar alguém que foi chamado à vocação da santidade²⁰.

Nessa perspectiva, conforme menciona o cardeal José Saraiva, o plano da santidade oferecida nas Sagradas Escrituras, seja em tempos antigos, seja nos atuais, quer nos convidar a uma santidade gradualmente, ou seja, dentro de um plano ordinário em nossa vida de fé. Efetivamente no exercício do sacerdócio comum dos fiéis e em sua vida diária se encontra a santidade pedida por Deus, pois é daí que emana a fecundidade de todo apostolado leigo e sua santidade (CV II: AA, 4).

A pergunta do jovem a Jesus: o que devo fazer para (ser santo) alcançar a vida eterna? (Mt 19,16). É a pergunta que talvez muitos fazem na vida diária, porém não têm a devida atenção ao que se segue no diálogo. Realmente, o pedido de Jesus é o mesmo de toda a Sagrada Escritura: “*observa os mandamentos da lei de Deus*” (Mt 19, 17). Ou seja, viver diariamente realizando tudo com amor a Deus e ao seu próximo.

Decerto a santidade está na ação da vida diária e sua perfeição na busca da caridade (I Cor 13,1-13; CV II: AA,16) em seu dia a dia e, assim, o grande heroísmo que Jesus pede ou requer de cada fiel leigo batizado nada mais é do que a prática diária das virtudes. Então notamos que o sacerdócio comum de cada fiel dá a mesma oportunidade a todos de fazerem parte integrante do Corpo de Cristo (ICor 12) e se colocarem a serviço de Deus e sua Igreja.

4. O SACERDÓCIO COMUM, FONTE DE COMUNHÃO A SERVIÇO DA IGREJA

O Documento 100 da CNBB, “*Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*²¹”, mais uma vez faz a ligação entre práticas pastorais e conversão pastoral da paróquia. Isso nos leva a

²⁰ Ibidem, p. 13.

²¹ O documento em destaque faz um percurso ao longo da história cristã, sobretudo na América Latina, e com muita eloquência nas palavras e perspicácia pastoral tece caminhos com ricos conteúdos a serem observados. Alguns na linha de conversão dentro da estrutura pastoral, seja no âmbito *ad intra*, seja no *ad extra pastoral*. Mas principalmente a intenção da CNBB não foi apenas produzir um texto e sim oferecer reflexões que chegassem às bases e contribuíssem com a renovação paroquial. De acordo com bispo auxiliar de Brasília e secretário geral da CNBB, dom Leonardo Steiner, o texto quer contribuir para dinamizar a vida de comunidade. “Vai nos ajudar a sermos presença do Evangelho de maneira fecunda e samaritana, no anúncio do Reino de Deus”, afirma. Na apresentação do Documento, o secretário recorda que a Igreja tem sua origem na comunidade,



crer que somente com uma ação mais concreta de ser uma Igreja ministerial, podemos ter melhores e bons êxitos diante da evangelização que nos é exigida. Conforme a V CELAM, a conversão não é exigida somente aos neófitos, mas entre todos, pastores e leigos²² (DAP 202).

Por isso, a valorização e o incentivo do sacerdócio comum como fonte de comunhão-participação do laicato e os ministérios leigos sempre foram indicações bastante plausíveis em toda história do cristianismo. Basta recordarmos de alguns momentos históricos da evangelização (Mt 14,19; At 6,1-7; CV II: LG, 33-34; AA, 2; DAP 347). Evidentemente que não poderiam faltar nas paróquias (Documento 100 CNBB, 106), pois a paróquia é uma pequena célula da Igreja Mãe, que ao mesmo tempo faz parte do corpo místico de Cristo (CV II: LG 7).

Desse modo, lembremos que, pelo sacerdócio comum, a missão e convite de Jesus são entregues a todos os batizados para participar, fazer comunhão e servir em sua vinha (Mt 20,1-7) e, desta forma, nos tornamos partícipes de sua natureza divina (IIPd 2,1-4; Dap 348). Assim, o serviço evangelizador do leigo nas comunidades torna-se imprescindível (Documento 100 CNBB, 210), pois sendo o seu batismo também uma extensão da coabitação divina, torna-o templo santo e espiritual (ICor 6,15.19), fazendo-o capaz de assumir a missão como hóstias agradáveis a Deus (Rm 12,1).

5. ESPIRITUALIDADE E VIDA VIRTUOSA EM VISTA DA SANTIDADE

Ao nos depararmos com os evangelhos, logo percebemos uma verdade latente, dentre tantas, que nos é proposta por Jesus. Através do livre arbítrio, todo ser humano é chamado por Deus, passando a ser responsável por sua realização²³ e transformação pessoal, familiar, social e comunitária. Nessa óptica, como já vimos anteriormente, o homem é convidado por Deus a se tornar uma fonte de bênçãos (Gn 12, 2), isto é, buscar constantemente e se tornar ainda mais uma pessoa virtuosa.

Consequentemente, a santidade implica e depende do ato virtuoso. Desse ponto de vista, é evidente que todos nós dependemos da graça doada por Deus²⁴, a qual, sem ela, nada podemos realizar (Jo 6,68) como sendo bom. Por isso, a união do fiel leigo com Cristo e sua Igreja torna-se fundamental (Jo 15, 1-8; CV II: AA 4), para que haja sempre maturidade pastoral e boa espiritualidade. Todavia, explica Santo Agostinho²⁵: “a graça não tem o efeito de suprimir a vontade, mas sim de torná-la boa”.

por isso a “Igreja é comunidade” (Conferência Nacional dos Bispos no Brasil. *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia*. Edições CNBB, 2014).

²² O documento de Aparecida sublinha a importância e necessidade de uma ação conjunta entre os ministérios leigos não ordenados e ministérios ordenados, como discípulos missionários de uma Igreja. (Documento de Aparecida, 202, p. 99).

²³ Santo Agostinho explica a problemática do mal que é manifesto nas atitudes e incoerências da vida humana e insere o livre arbítrio como sendo projeto e dom de Deus para o homem buscar a sua liberdade em realizar as obras boas e evitar as que são de origem do mal. (Santo Agostinho. Patrística: *O Livre arbítrio*. São Paulo: Paulus, 2014, p. 15s),

²⁴ Ibidem.

²⁵ Ibidem, p. 18.



Efetivamente, Santo Agostinho propõe uma resposta para uma espiritualidade equilibrada. Logo, é a partir do chamado de Jesus de Nazaré que temos a escolha livre de empenhar-nos no certame que nos é proposto a uma vida virtuosa, pois, segundo Santo Agostinho²⁶, dependerá unicamente da vontade de cada indivíduo, conforme a seguir:

“A boa vontade ganha um papel em nosso interior, é colocada em nossas mãos, implica o exercício das quatro virtudes cardeais (justiça, prudência, temperança e fortaleza) e por fim, a vida feliz ou infeliz depende da boa vontade”²⁷.

Santo Agostinho aponta para algo que possa parecer muito óbvio, mas é a partir da resposta dada a Jesus que o ser humano encontra a sua liberdade em fazer o bem ou permanecer no mal. Efetivamente, a vida virtuosa será caracterizada conforme a realização dos hábitos escolhidos, pois em rústicas palavras, a virtude é o hábito bom, a hombridade, a força moral. Escreve São Paulo aos filipenses:

“Além disso, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é nobre, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, tudo o que é virtuoso e louvável, eis o que deve ocupar vossos pensamentos” (Fl 4,8).

Nesse sentido, a realização e a prática de uma vida virtuosa está escondida na escolha do hábito a ser realizado. Assim, é Jesus quem nos oferece um porto seguro, repleto de virtudes com grandes transformações interiores e exteriores, a serem conquistadas e diz: “...serás pescador de homens...” (Mc 1,17) ou quando chama o jovem rico a ser mais perfeito (Mt 19,21) e ainda quando visita Zaqueu (Lc 19,9). Certamente a graça é doada e, ao mesmo tempo, recebemos o dever de colaborar a serviço do bem comum (ICor 12,7; CV II: AA, 24), buscando viver com solidariedade e restabelecer a ordem interna de uma sociedade mais justa e fraterna.

Nesse sentido, vejamos o que diz Francisco Faus²⁸:

“O dom da graça não é dado a uma pedra ou a uma planta, mas a seres humanos, inteligentes e livres, que pensam e decidem, que podem dizer “sim” e dizer “não”. Precisamos, por isso, de corresponder livremente, voluntariamente, aos dons recebidos. Depende de nós fazê-los frutificar ou desperdiçá-los”.

Dessa forma, o pedido da V CELAM, que traçou como meta vários projetos no âmbito de uma nova espiritualidade não somente ao fiel batizado leigo, e sim a toda paróquia, ainda ecoa nas esferas religiosas e cristãs. É preciso ultrapassar as estruturas antigas e arcaicas (DAP 365) para oferecer caminhos alternativos a uma verdadeira espiritualidade que transforme

²⁶ Ibidem, p. 57s.

²⁷ Santo Agostinho, em um diálogo rico em conteúdo e ensinamentos espirituais e doutrinários com seu amigo Evódio, sanando “suas” dúvidas, discorre em um discurso com palavras de grande enriquecimento e sabedoria salutar sobre como adquirir uma vida virtuosa. Efetivamente recebemos de Deus o livre arbítrio e este, por sua vez, implica as realizações da prática diária de uma vida virtuosa, pois é do livre arbítrio que emana as atitudes de liberdade. Por isso somos capazes, mediante a boa vontade, de escolher as ações, sejam boas ou más. Aqui Santo Agostinho situa a origem do pecado na vontade, a partir do livre arbítrio. (Ibidem, p. 54-60).

²⁸ Francisco Faus é sacerdote da prelazia da Opus Dei. Depois de formar-se em Direito, doutorou-se em Direito Canônico. É autor de mais de vinte obras literárias, sendo várias delas premiadas. Diante das crises presentes na sociedade, escreve de forma simples e prática sobre a revalorização das virtudes dentro da sociedade, família e vida cotidiana. (FAUS, Francisco. *A conquista das virtudes*. São Paulo: Cultor de livros, 2014, p. 7).



toda intemperança em ato bom, ou seja, em virtude. Nesse sentido falou-se profundamente em Aparecida:

“Se desejamos pequenas comunidades vivas e dinâmicas, é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenham em plena comunhão de vida e ideais com a Igreja local e, em particular, com a comunidade paroquial. Por outro lado, conforme há anos a proposta já é feita na América Latina, a paróquia chegará a ser “comunidade de comunidades”.

CONCLUSÃO

Visto que a necessidade da Igreja é latente em relação ao apostolado leigo²⁹, primeiramente é preciso que todos os leigos, sem exclusão alguma, atendam ao chamado de Jesus, “*vem e segue-me*”, com sábia decisão. Dessa forma, agindo com plena e livre vontade de doar-se e colocar a serviço (CV II: AA, 33) os dons e carismas que Deus os cumulou (CV II: LG 7), até mesmo os mais simples, justamente porque Deus não recusa nenhum dos menores, pelo contrário, olha com mais intensidade aos mais pequeninos (Is 49,15; Lc 1,48; Mt 5,1-11), elevando os humildes e excluídos (Lc 1,52s).

Com efeito, o reino dos céus é como um grão de mostarda, pequeno e simples (Mt 13,31), e com os ensinamentos adequados, se torna uma árvore imensa, frondosa e frutífera (Mt 13,32). “*Aprende de mim, pois sou manso e humilde de coração*” (Mt 11,29). Assim, irradia o imenso amor que Deus tem por cada um de nós e, portanto, devemos corresponder a esse amor tão pleno e cheio de misericórdia, que nos faz partícipes da vinha do senhor.

Conforme afirma Benedikt Baur³⁰, uma vida nova sobrenatural e cheia de força espiritual que emana do batismo pertence ao dono da messe. Por isso, todos os fiéis leigos, sem exceção, consagrados pela unção batismal, por direito devem ocupar o seu espaço *in ecclesia*, unir-se ainda mais à videira e deixar que colham os seu belos frutos. E para encerrar, na conclusão do decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos:

²⁹Segundo o ultimo censo de religiosos com data-base de 2010, válidos para 2012. Embora o contingente de sacerdotes tenha crescido 7,6% em dois anos em todo o país, a presença do laicato para atuar nos diversos ministérios ainda é necessária, pois uma nação com mais de 200 milhões de habitantes conta atualmente com aproximadamente 22.119 sacerdotes e 33 mil religiosas (dados de 2012). Além disso, boa parte conta com a idade avançada e muitos outros estão debilitados em saúde. Portanto, há uma necessidade real de contar mais com os fiéis leigos batizados no auxílio e serviço ministerial que a eles competem (Fonte: INSTITUTO HUMANITAS UNISINUS: Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/508210-numerodepadresestaemcrescimentonobrasil>).

³⁰Benedikt Baur faz um pequeno percurso espiritual através da história da espiritualidade cristã. Traz meditações sobre a prática das virtudes para o exercício de uma prática transformadora e renovada. Partindo de um plano único de amor oferecido por Deus, desenha um caminho de correspondência espiritual que cada fiel leigo batizado pode exercer. Viemos de Deus, devemos viver conforme o seu pedido: sede santos (Lev 19,2), pois a vida sobrenatural penetra em nós como uma força que desperta as potências da alma: entendimento, memória, vontade; impregna-as de uma nova vida, prepara-as para receber a luz e a verdade divinas; infunde-lhes um novo impulso para vivermos sempre consagrados a Deus, para trabalharmos por Ele, sofrer e agir cada vez mais perfeitamente por amor d’Ele. Baur, B. *A vida espiritual*. Tradução: Domingos Marques. São Paulo: Quadrante, 2004, p. 75.



“Para que, nas diversas formas e modalidades do apostolado único da Igreja, se tornem verdadeiros cooperadores de Cristo, trabalhando sempre na obra do Senhor com plena consciência de que o seu trabalho não é vão no Senhor” (ICor. 15,28).

Assim, a Igreja conclama todos a abraçar a missão leiga em sua essência para iluminar o mundo com a luz de Cristo. Pois o “*nosso tempo exige dos leigos um zelo não menor, pois as circunstâncias atuais reclamam deles um apostolado mais intenso e mais amplo*” (CV II: AA,1).

BIBLIOGRAFIA

- BIBLIA SAGRADA. São Paulo: Ave Maria, 1999.
- BINGEMER, M. C. *Viver como crentes no mundo em mudança*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS NO BRASIL. *Comunidade de comunidades, uma nova paróquia: a conversão pastoral da paróquia: documento 100*. São Paulo: Edições CNBB, 2014.
- DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Tradução: Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Editora Paulus; Paulinas, 2007.
- GAMBOSO, V. *Vida de Santo Antônio*. Aparecida: Santuário, 1994.
- GRUN, A; MEIRAND, D. *Espiritualidade a partir de si mesmo*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- KLOPPENBURG, B. CONCÍLIO VATICANO II: *Constituições, Decretos e Declarações*. Coordenação geral Frei Federico Vier O.F.M. São Paulo: Vozes, 2002.
- LORSCHIEDER, A. *O ser e o agir do cristão leigo como Igreja*, p. 4. Aparecida, 2001. Disponível em <http://www.franciscanos-rs.org.br/dom-aloisio-lorscheider-e-o-principio-da-comunhao-e-participacao-i>. Acesso em 09 ago 2016.
- MARTINS, J. S. *Como se faz um santo*. Tradução de António Rocha e revisão de José João Leiria. São Paulo: Alethéia Editores, 2006.
- MATEOS, J.; CAMACHO, F. *Jesus e a sociedade de seu tempo*. São Paulo: Paulus, 1992.
- PAPA BENTO XVI. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis*: sobre a Eucaristia, Fonte e Ápice da Vida e da Missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2007.
- _____. Carta Encíclica *Deus Caritas Est*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- PAPA FRANCISCO. Audiência Geral de quarta-feira, 19 de novembro de 2014 - Rádio Vaticano. Disponível em http://pt.radiovaticana.va/news/2014/11/19/somos_todos_chamados_%C3%A0santidade-opananaudi%C3%A0Anciageral/1111605. Acesso em 29 ago 2016.
- _____. Audiência Geral, Praça São Pedro, quarta-feira, 18 de junho de 2014. Site: Vatican.va. Acesso em 09/08/2016, 11:41:35.
- PAPA JOÃO XXIII, Constituição apostólica *Humanae salutis* para a convocação do Concílio Vaticano II. São Paulo: Paulus, 2000.
- SANTO AGOSTINHO. Patrística: *O Livre arbítrio*. São Paulo: Paulus, 2014.
- SHELDRAKE, P. *Teologia e espiritualidade: vida cristã e fé trinitária*. São Paulo: Paulinas, 2005.

Recebido em: 30/08/2016
Aprovado em: 24/10/2016